

OS JOGOS TEATRAIS E AS IDENTIDADES DE GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR

Célia Raquel Gonçalves¹
Guaraci da Silva Lopes Martins²

RESUMO: O presente texto busca o aprofundamento da reflexão sobre a importância do ensino do teatro, no processo de desestabilização de discursos discriminatórios contra pessoas que manifestam a sua identidade de gênero e sexualidade para além dos padrões da heterossexualidade. Para tanto, recorreu-se à autores interessados no campo da educação, da pedagogia teatral e das relações de gênero. A pesquisa de campo também foi utilizada nesta investigação científica, trabalho este que envolveu estudantes do Ensino Fundamental em uma determinada escola da rede pública paranaense. O efetivo espaço do teatro na educação escolar brasileira permanece um desafio a ser superado, pois ainda hoje esta área de conhecimento humano é compreendida como mera atividade de recreação e entretenimento. Contudo, a pesquisa realizada evidenciou que o teatro é de suma importância em ações pedagógicas comprometidas com o ensino e aprendizagem do educando. Mais precisamente, a pedagogia teatral contribui sobremaneira no processo de questionamento das complexas relações de proibição, produção e naturalização das identidades de gênero.

Palavras-chave: Escola. Ensino Fundamental. Pedagogia do Teatro. Gênero. Sexualidades.

THEATER GAMES AND GENDER IDENTITIES IN THE SCHOOL AREA

ABSTRACT: The present text seeks to deepen the reflection on the importance of theater teaching in the process of destabilizing discriminatory discourses against people who manifest their gender identity and sexuality beyond the standards of heterosexuality. For this purpose, authors interested in the field of education, theatrical pedagogy and gender relations were used. Field research was also used in this scientific research, which involved students from Elementary School in a particular school in the state of Paraná. The effective space of theater in Brazilian school education remains a challenge to be overcome, because even today this area of human knowledge is understood as a mere activity of recreation and entertainment. However, the research showed that theater is of paramount importance in pedagogical actions committed to the teaching and learning of the student. More precisely, theatrical pedagogy contributes greatly to the process of questioning the complex relations of prohibition, production and naturalization of gender identities.

Keywords: School. Elementary School. Drama Class. Gender. Sexualities.

1 Licenciada em Teatro pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). E-mail: celia_raquelg@yahoo.com.br

2 Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); Especialista em Didática para o Curso Superior pela PUC/PR; professora do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) e do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada. E-mail: guaraci.martins@gmail.com

Esta pesquisa resulta do interesse em ampliar o questionamento sobre discursos relacionados às identidades de gênero e sexualidades no espaço regular da educação, a partir da pedagogia teatral, compreendida como campo de conhecimento propício para a desestabilização de discursos que permeiam esta temática. Para tanto, envolvi-me na pesquisa com abordagem qualitativa associada ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC movida pelo objetivo de investigar o potencial do jogo teatral para a discussão acerca da identidade de gênero com estudantes do Ensino Fundamental II. Acredito que, o teatro é de suma relevância para a desconstrução de ideias cristalizadas e pautadas em conceitos binários que tendem à discriminação e à exclusão social contra indivíduos que ultrapassam fronteiras rigidamente estabelecidas pela heteronormatividade.

Nesta investigação recorri à distintos autores com estudos voltados para as configurações de gênero, tais como, Berenice Bento, Guacira Lopes Louro e Guaraci da Silva Lopes Martins; autores específicos da pedagogia teatral, com destaque em Augusto Boal e Viola Spolin e bem como da educação, especialmente em Paulo Freire. A pesquisa de campo também fez parte desta etapa acadêmica, quando envolvi uma turma composta por vinte e três estudantes do Ensino Fundamental II, ofertado no período vespertino do Colégio Estadual Guido Straube.³ Em sua maioria, a faixa etária desses varia entre treze e dezesseis anos de idade. Para tanto, solicitei esta oportunidade para a professora regente que gentilmente aceitou a minha solicitação para utilizar uma parte de sua carga horária em sala de aula, mais precisamente, quatro aulas de 50 minutos em um total de quatro semanas. Acrescento que para a coleta de dados recorri a um questionário com uma questão dissertativa e duas de múltiplas escolhas.

No percurso desta investigação, foi possível constatar que a construção identitária perpassa por variados processos marcados por padrões de comportamento e de papéis sociais, compreendidos como mecanismos direcionados para a preparação dos corpos de homens e mulheres construídos sobre proibições e afirmações. Muitas vezes, ao se reconhecerem no terreno de feminilidades e masculinidades de forma diversa das hegemônicas e assumirem esta condição, muitas pessoas são estigmatizadas como anormais ou mesmo aberrações, em função de interromperem a linha de continuidade e de

³ Para identificação dos estudantes, utilizei-me da relação numérica entre 1 a 23, correspondente ao total destes envolvidos na pesquisa de campo.

coerência que se supõe natural entre corpo, sexualidade e gênero. A atitude de assumir os próprios desejos, contrários às expectativas sociais reflete uma ação política por excelência, mas “nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização”. (LOURO, 2001, p.31). Assim sendo, faz-se necessário o investimento em projetos políticos e pedagógicos voltados para novas percepções sobre as configurações de gênero. Neste momento pergunto: de que forma o estudante LGBTI com faixa etária entre treze e dezesseis anos de idade e inserido no Ensino Fundamental II é recebido e posicionado na escola?

Entendo a urgência da necessidade dos cursos de formação docente ofertarem espaços de debates para que futuros professores possam aprimorar os seus conhecimentos sobre as configurações de gênero, permeadas por discursos com tendência à situações que contrariam os princípios democráticos. Acredito que a falta de conhecimento mais aprofundado, contribui para reforçar o pré-conceito, a discriminação e a violência física e velada, quer seja no ambiente escolar ou na vida diária dos estudantes.

Ao longo do meu envolvimento com o teatro compreendi que esta área da arte se refere a um espaço propício para a troca de informações, de experiências e reflexões a serem vivenciadas no espaço da cena. Entretanto, as aulas de teatro precisam ser “um espaço imaginativo e reflexivo em que se pensem e se inventem novas relações sociais, dentro e fora da escola”. (DESGRANGES, 2003, p.72) Saliento que, no contexto social marcado por inúmeras barreiras e desigualdades sociais, a cena teatral possibilita o entendimento mais ampliado sobre o processo de construção das identidades, as quais são discursivamente construídas. Por esta razão, o teatro deve ser valorizado na escola, pois se refere a uma área de conhecimento de grande importância para o desenvolvimento social do educando, sobretudo pela sua capacidade de contribuir para o desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual do indivíduo em um constante exercício de conhecimento da realidade.

Os primeiros contatos com o teatro ocorreram, em função da minha necessidade em melhor conhecer as informações que o mundo nos oferece, assim como, as inter-relações sociais que dele fazem parte. Especialmente, a partir do envolvimento com o teatro passei a conviver com distintas e variadas dificuldades enfrentadas por pessoas próximas, com identidade de gênero em oposição à sua marca biológica. A dor experimentada pelo outro, em virtude de situações vivenciadas em função do pré-conceito despertou, muitas vezes, o

meu questionamento sobre as restrições em relação à forma do indivíduo viver e manifestar o seu desejo, em dissonância às normas regulatórias associadas às identificações de gênero e sexualidade.

As formas idealizadas dos gêneros geram hierarquias e exclusão. Os regimes de verdades estipulam que certos tipos de expressões relacionadas com o gênero são falsos ou carentes de originalidade, enquanto outros são verdadeiros e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmo os sujeitos que não se ajustam às idealizações (BENTO, 2006, p.94).

Com o ingresso no curso de graduação de Licenciatura em Teatro, da Unespar/FAP tive a oportunidade de conhecer a professora Dra. Guaraci da Silva Lopes Martins, a qual ofertou ao longo do ano de 2014, o curso de extensão *Formação Docente Inicial e Continuada no Espaço Cênico*. O curso organizado com uma carga horária de três horas semanais contribuiu para ampliar o meu olhar sobre a construção identitária, assim como, proporcionou a convicção das contribuições do teatro no processo de desestabilização de discursos excludentes vinculados às identidades de gênero e sexualidades. Fundamentados em textos com enfoque nas relações de gênero, todos os participantes do curso de extensão – egressos e acadêmicos do curso de ensino superior acima mencionado - tiveram a oportunidade de discutir e de vivenciar no espaço da cena esta mesma temática.

A partir dos debates em grupo, os envolvidos com o curso de extensão participaram da produção do espetáculo *REQUEER*, com texto criado coletivamente e marcação de cenas pautadas nas improvisações teatrais. *REQUEER* foi apresentado em distintos espaços convencionais e também em escolas, lembrando ainda que o término das apresentações foi seguido de debates entre atores e espectadores. Para a surpresa da grande maioria dos envolvidos com esta produção teatral, frequentemente, a temática abordada gerou discursos pautados em pré-conceito, especialmente pelos professores/espectadores. Para melhor exemplificar, alguns deles questionaram a real necessidade da discussão desta temática, sobretudo no ambiente escolar. Tal fato evidenciou que convenções norteadas por discursos biológicos e naturalizados persistem nas mais diferentes esferas e níveis sociais.

A argumentação acima pode ser reforçada, a partir de algumas respostas dos estudantes que foram registradas no questionário. Ou seja, na primeira questão indaguei se o educando já havia presenciado alguma situação homofóbica no ambiente escolar. Alguns deles responderam que já presenciaram ou foram vítimas de discriminação associada às relações de gênero. Na segunda indaguei sobre a opinião dos mesmos em relação à necessidade de se discutir a mesma temática na escola. A maioria deles evidenciou a importância deste assunto nos conteúdos abordados na sala de aula. Contudo, na terceira e última questão que solicitou a justificativa das respostas anteriores fui surpreendida, pois em torno de 40% deles emitiram opiniões negativas, muitas delas carregadas de doutrinas religiosas. Para exemplificar, destaco as argumentações abaixo:

- Concordo com a discussão na escola para mostrar que o homem foi feito para mulher e vice e versa. (aluno 19)

- Aprendi que isso é errado e acho que as pessoas são gays porque a mídia quer fazer a gente engolir isso. (aluno 22)

Ainda hoje, convive-se com raízes culturais e doutrinas religiosas com tendência à perpetuação de esquemas tradicionais baseados em oposições binárias: homem/mulher, masculino/feminino e heterossexual/homossexual. Para Martins (2009), é crucial o questionamento das questões de gênero, nos mais diversos espaços sociais, em direção ao desenvolvimento do pensar em termos de pluralidades e de diversidades.

Na argumentação de Spolin (2012), o processo de conhecimento e aprendizagem se configura fundamentalmente, a partir do ato da vivência. De uma forma lúdica e criativa os estudantes podem vivenciar situações retiradas da vida cotidiana. Nesta perspectiva, compreendo que a metodologia pautada nos jogos teatrais promove o desenvolvimento de novas percepções sobre variados discursos excludentes, muitas vezes assimilados desde a mais tenra idade do indivíduo na vida em sociedade.

Neste sentido, o 'primeiro dia de aula' com os estudantes envolvidos com esta pesquisa foi norteado pela minha compreensão sobre a relevância do teatro na escola, na medida em que possibilita a discussão sobre variados assuntos, incluindo-se o processo de discriminação contra o sujeito em função de sua identidade de gênero. Enfatizo a minha animação/empolgação em poder trabalhar novamente com estes estudantes, pois

já havia desenvolvido atividades pedagógicas com essa mesma turma durante o Estágio Obrigatório no 3º ano do curso de Licenciatura em Teatro. No início desta regência me utilizei de uma apresentação em *powerpoint* abordando questões relacionadas ao processo construído das identidades e as relações de poder envolvidas. Durante a apresentação os estudantes participaram ativamente fazendo comentários diversos, tais como, padrões de comportamento e situações de discriminação contra indivíduos que contrariam a heteronormatividade.

Os comentários traduziram as mais diversas experiências dos mesmos sobre o assunto, tais como: a não aceitação dentro da própria família; sempre tem um caso de homossexualidade na família que não é vista com bons olhos e a pessoa sempre sai de casa para poder assumir, mesmo assim a família ainda mascara a situação. Acrescento o relato de uma determinada aluna, segundo a qual uma de suas tias “virou” lésbica após o fim do seu casamento hétero. Outros argumentaram sobre a importância de banheiros unissex na escola, pois de acordo com os mesmos seria uma grande evolução. Esta última argumentação foi acompanhada de piadinhas de alguns para insinuar que determinados colegas gostariam desta possibilidade.

Após esta atividade solicitei aos estudantes para pegarem nas mãos dos colegas com o objetivo de formar um círculo, atividade esta na qual deveriam manter os olhos fechados. Em seguida, de acordo com o plano de aula, eles seriam orientados no sentido de se manterem de mãos dadas e realizarem exercícios com enfoque na respiração. O intuito foi contribuir no processo de integração individual e coletiva. Contudo, a dificuldade de aceitação destes participantes em tocarem nas mãos dos colegas, dificultou a organização da turma impedindo o desenvolvimento da ação inicialmente lançada. Especialmente os meninos manifestaram comentários negativos em relação ao toque de mãos. Neste momento, senti-me despreparada para lidar com a reação manifestada pelos estudantes, experiência oposta às minhas expectativas iniciais, pois, ao planejar aquela regência específica, em nenhum momento imaginei que este ato aparentemente tão simples fosse causar tanto incômodo entre eles.

Assim como demais instituições sociais, a escola atua sobre o corpo social, a partir de dispositivos voltados para a perpetuação de um contexto social marcado por normas disciplinares encontradas na sala de aula e além dela, afetando o processo de constituição do próprio sujeito. Por esta razão, é importante mencionar que ao falarmos em corpos, não estamos nos referindo apenas aos aspectos biológicos, mas aos significados culturais e sociais que a eles são atribuídos.

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. (FOUCAULT, 1987, 28)

Ao classificar os sujeitos, a sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que tendem a fixar as identidades: definindo, separando, distinguindo e discriminando os sujeitos de acordo com os padrões de normalidade e anormalidade. Para Louro (2001), as possibilidades de manifestação dos próprios desejos e prazeres são socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, que são moldadas pelas redes de poder que permeiam um contexto social que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo.

Em Berenice Bento (2006) lemos que o corpo é um texto socialmente construído, um arquivo da história do processo de produção-reprodução sexual que ganha inteligibilidade por intermédio da heterossexualidade condicionada e circunscrita pelas convenções históricas. Após o nascimento da criança, os investimentos discursivos são direcionados para a preparação do corpo, construído sobre proibições e afirmações. Assim sendo, em sua maioria, aqueles estudantes agiram de acordo com normas que regulam os padrões de comportamento considerados como desejáveis ou aceitáveis no que se refere aos corpos. Afinal, em sua trajetória muitos deles aprenderam que nas formas de se viver e de se construir identidades de gênero e sexuais, rígidas fronteiras de contato são estabelecidas para que se mantenham as normas disciplinares que atuam sobre os corpos.

O plano de aula elaborado para o 'segundo dia de aula' foi alterado em função da negação dos estudantes em se tocarem. Para maior compreensão, inicialmente esta aula foi planejada a partir do Teatro Jornal proposto por Augusto Boal no *Teatro do Oprimido*⁴, mas diante da situação enfrentada no meu primeiro contato com os participantes, como alternativa optei em orientá-los na realização de um jogo voltado para a integração do grupo. Assim sendo, escolhi o jogo do policial e assassino, uma atividade lúdica que envolve de forma simultânea todas as pessoas envolvidas sem necessidade de se tocarem entre si.

Com todos de olhos fechados e em círculo selecionei um estudante para representar o personagem policial e outro o personagem assassino. Durante o jogo, este último deve piscar para as vítimas e estas encenarem a própria morte, enquanto que o policial procura descobrir o responsável pelos assassinatos. O jogo proporcionou um ambiente onde todos interagiram entre si de uma forma espontânea sem compromisso com a competição.

No entendimento de Spolin (2012, p. 39), "A competição, originalmente usada como um incentivo para maior produtividade e como um instrumento de ensino para desenvolver mais habilidades, infelizmente funciona apenas para poucos e deveria estar superada por ser inoperante". Ou seja, o jogo deve proporcionar prazer entre todos os jogadores que desprovidos da espera de qualquer recompensa devem absorver aprendizado, a partir da própria vivência.

Destaco que ainda hoje se convive com uma escola anacrônica, em geral com tendência à perpetuação de um sistema que privilegia a quantidade de informação. Mas, segundo Larrosa (2019), o acúmulo de informações está longe de ser a experiência, da qual deriva o saber que nos permite a apropriação de nossas próprias vidas, pois a experiência é fundamentalmente "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (LARROSA, 2019, p. 18). Assim, a informação nada tem a ver com experiência, pois:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de 'sabedoria', mas no sentido de 'estar informado'), o que consegue é que nada lhe aconteça. (LARROSA, 2019, p. 19)

4 Este plano se propôs à processos cênicos baseados em distintos recortes de jornais com notícias sobre situações discriminatórias sofridas por determinadas pessoas em função da sua identidade de gênero e sexual.

Neste sentido, muitas vezes, a instituição escolar deixa de corresponder às reais necessidades dos indivíduos inseridos na sociedade dos dias atuais, na medida em que não investe no despertar da consciência crítica e das responsabilidades destes, mediante os valores éticos e morais importantes à vida em sociedade. Assim sendo, cabe à escola proporcionar espaços de trocas de conhecimentos, para que estes jovens desenvolvam a capacidade de atuar em seu próprio meio de uma forma ativa e transformadora.

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. (FREIRE, 2004, p.35)

A escola tem sido historicamente, a instituição escolhida pelo Estado e pela família, como o espaço ideal para cumprir a finalidade do pleno desenvolvimento do indivíduo e seu preparo para o exercício da cidadania. Desta maneira, cabe a esta instituição, sobretudo ao professor, a função de ensinar os valores de desenvolvimento moral e ético dos estudantes, a partir de pedagogias favorecedoras ao debate de temas transversais, tais como: ética, direitos humanos, orientação de gênero e sexualidade, os quais devem estar intrínsecos em todas as matérias do currículo escolar. A escola e o currículo são espaços férteis para o desenvolvimento do exercício das “habilidades democráticas da discussão e da participação, de questionamento dos pressupostos do senso comum da vida social” (SILVA, 2005, p. 55). Neste sentido, é fundamental o envolvimento ativo dos professores no processo de desenvolvimento do pensar crítico e questionador sobre mecanismos políticos e culturais “implicados na reprodução de ideologias e nas práticas sociais opressivas em todos os aspectos da organização escolar e da vida diária da sala de aula” (MARTINS, 2009, p. 69).

O professor de teatro pode se utilizar dos conteúdos específicos desta linguagem artística para oferecer espaços adequados ao desenvolvimento da imaginação, da socialização e da criatividade do educando, além de proporcionar a vivência dos mais diferentes papéis e situações propícias à percepção mais aguçada sobre distintas questões sociais ligadas a esses tabus ainda presentes na sociedade.

Por causa dos problemas de atuação, é imperativo preparar todo o equipamento sensorial, livrar-se de todos os preconceitos, interpretações e suposições, para que se possa estabelecer um contato puro e direto com o meio criado e com os objetos e pessoas dentro dele. Quando isto é aprendido dentro do mundo do teatro, produz simultaneamente o reconhecimento e contato puro e direto com o mundo exterior. Isto amplia a habilidade do aluno-ator para envolver-se com seu próprio mundo fenomenal e experimentá-lo mais pessoalmente. (SPOLIN, 1992, p. 13).

Ou seja, o processo de ensino e aprendizagem mediado pelo teatro propicia a vivência de questões políticas, sociais e culturais, que negligenciam o reconhecimento das diferenças, principalmente nas sociedades ocidentais que tendem a transformar o que é diferente em desigual. Por esta razão, no processo construído de suas próprias narrativas e concepção de mundo é importante o envolvimento dos estudantes desde as primeiras etapas na escola com as mais distintas questões sociais e valores humanos.

É oportuna a consideração de que o teatro amplia e redimensiona a realidade. Ou seja, a transcrição de um problema real em ação teatral expande a possibilidade de análise deste mesmo problema, que passa a ser encarado a partir de outro ângulo, em função do distanciamento necessário para uma melhor compreensão dos seus diferentes aspectos. Neste sentido, destaco a relevância do entendimento de que na relação entre teatro e escola, o que está em pauta não é o desempenho de um profissional, mas de estudantes envolvidos em processos de produção de conhecimento.

Movida pela compreensão sobre a importância do teatro na escola, mais precisamente no 'terceiro dia de aula', recebi os estudantes na porta da sala de aula e solicitei aos mesmos que vendassem os seus olhos com pequenas fendas de tecido, levadas por mim para a realização da proposta pedagógica selecionada para este dia específico. Ao entrar em sala, os estudantes foram distribuídos em duplas de uma forma aleatória. Ainda vendados, eles ouviram um áudio com depoimentos de uma pessoa que foi alvo de discriminação, em virtude de sua orientação sexual. Após este momento, orientei-os no sentido de contar para o seu companheiro, situações discriminatórias que de alguma forma foram vivenciadas pelo estudante/narrador. Esta atividade se concretizou, na medida em que durante alguns minutos da carga horária, sempre de olhos vendados, e em dupla eles relataram em forma de segredo, as suas experiências relacionadas às rígidas fronteiras estabelecidas à masculinidade e feminilidade.

Após esta etapa formei um círculo com todos os estudantes ainda de olhos vendados e orientei-os para se sentarem e retirarem as suas vendas. Em seguida, solicitei o relato das histórias que foram contadas aos colegas. Neste momento, destaco o depoimento de uma das estudantes, segundo a qual há algum tempo namora uma das colegas de turma. Contudo, no decorrer do ano letivo, ambas foram chamadas pela direção da escola, momento no qual foram questionadas pela mesma, em função da forma masculinizada como se identificam, portanto, diferentes do gênero identificado pela diretora e pela pedagoga como “normal”. O relato da aluna é um convite à reflexão sobre o papel do professor, diante de situações que requerem dele atitudes responsáveis e conscientes, sobretudo quando um educando se identifica com uma identidade de gênero e sexual que contrariam as expectativas sociais, em virtude de sua marca biológica. Em sua maioria, os estudantes argumentaram que práticas baseadas em pré-conceito não devem ocorrer no espaço escolar. De acordo com a aluna que foi discriminada, “a escola deveria nos ensinar a lidar com isso, não nos virar as costas e colocar panos quentes sobre a situação. Hoje, a diretora e a pedagoga agem como se nada tivesse acontecido. Não me sinto segura aqui” (Aluna 19).

Ao retomar o assunto instiguei-os a falarem sobre o pré-conceito praticado na escola pelos próprios colegas na instituição escolar. Neste momento, alguns deles passaram a rir comentando que chamavam um colega que não estava presente de “viadinho”. Quando perguntei o porquê deste comportamento recebi as seguintes repostas:

- A gente sabe que ele é, mas ele não sai do armário. (aluno 8)
- A gente fala isso pra ele aceitar quem ele é. (aluno 12)
- Porque ele é um viadinho mesmo. (Aluno 17)

Expliquei que o colega possui uma orientação sexual diferente dos demais, fato este que não deveria ser um problema, nem para eles e nem mesmo para o colega que, provavelmente tem os seus próprios medos de assumir sua sexualidade devido ao pré-conceito que sofre diariamente. Juntos, concordamos que é preciso respeitar a identidade das pessoas independente da sua orientação de gênero e sexual. Acrescento que nesta atividade, alguns deles optaram por permanecer em silêncio. Entendo que o ocorrido se

deu em função desta temática permanecer tabu nas diversas instituições sociais, situação esta que, frequentemente impedem que determinadas pessoas falem com espontaneidade sobre o assunto.

Após o debate coletivo solicitei a subdivisão da turma em pequenos grupos para a representação dramática das situações relatadas a serem encenadas aos próprios colegas. No entendimento de Augusto Boal (1975), o teatro proporciona o processo de transformação do espectador em sujeito atuante, deixando de ser um espectador para ser protagonista e transformador da cena que lhe é apresentada, através da improvisação. “O espectador não delega poderes ao personagem para que atue em seu lugar: ao contrário, ele mesmo assume um papel protagônico, transforma a ação dramática inicialmente proposta, ensaia soluções possíveis, debate projetos modificadores: em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para a vida real” (BOAL, 1975, p. 126).

Nesta etapa da pesquisa, dialogo também com Rosseto (2013), segundo o qual a prática da improvisação teatral confere ao estudante um espaço livre para o experimento e lhe possibilita colocar em cena novas maneiras de pensar, processo este que viabiliza uma expressão artística e estética mais autônoma. Contudo, em sua maioria os estudantes se mostraram resistentes em atender a solicitação e principalmente, movidos pela timidez se negaram em se organizar em grupos para a realização da proposta lançada. Diante da falta de interesse dos mesmos, novamente solicitei a organização da turma em pequenos grupos para a criação de imagens relacionadas aos relatos narrados em sala de aula. Contudo, mais uma vez eles se negaram em expressar as suas narrativas, desta vez, por meio de imagens corporais.

No ‘quarto dia de aula’, mais precisamente na última regência associada ao processo de realização desta pesquisa selecionei o ‘jogo do espelho’, movida pelo intuito de estimular a integração daqueles estudantes sobre si e o outro. A primeira parte do jogo consiste na divisão da turma em duplas, sendo que cada qual mantém um dos seus integrantes como espelho e o outro como seguidor dos movimentos do primeiro. Esta situação ocorreu por mais ou menos cinco minutos, sendo alterada com o comando do professor. Desta forma, todos exercitam a função de espelho e de seguidor deste, em um processo de

concentração e de integração individual e coletiva. Nesta atividade específica foi possível observar inicialmente algumas resistências, porém a participação ativa de algumas duplas estimulou o envolvimento de todos.

Na segunda parte do jogo orientei-os no seguinte exercício que passo a descrever. Ou seja, cada uma das duplas deve manter um dos seus componentes com os olhos fechados enquanto o outro, de olhos abertos monta uma imagem com o seu próprio corpo. Aquele que mantém os olhos fechados deve tocar o colega buscando reproduzir em seu próprio corpo a imagem elaborada pelo parceiro. Após a explicação do exercício, o alvoroço se instalou no espaço da sala de aula, mas diante da minha insistência, sempre buscando evidenciar a importância da atividade proposta, duas duplas desenvolveram o trabalho que foi observado pelos demais colegas. Neste momento, enfatizei a relevância do teatro no processo de descoberta das inúmeras possibilidades das pessoas se expressarem, de se comunicarem com o outro e com o mundo que o rodeia.

A resistência dos educandos evidenciou os rígidos limites sociais estruturados por uma rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que estruturam as *performances* de gênero. Eles se permitiram à relatos sobre distintas situações associadas à discriminação contra si ou o outro, em função da orientação de gênero e sexual. Contudo, em sua maioria não se dispuseram em levar estes mesmos relatos para o espaço da improvisação teatral.

Improvisar é uma das atividades mais exercidas pelos atores e, especialmente, muito solicitada pelos professores no ensino do teatro, o que significa dizer que o ato de improvisar constitui uma prática importante para a formação do aluno na linguagem teatral, tanto no processo de criação como no momento da encenação. (ROSSETO, 2013, p. 15-16).

Por outro lado, na pesquisa desenvolvida constatei que, o teatro se encontra distanciado da vida escolar e cotidiana desses estudantes, fator este crucial nos resultados deste processo pedagógico. Por esta razão, enfatizo a importância da promoção de projetos educacionais que garantam o efetivo espaço da Arte na escola, em especial do teatro, área de conhecimento fundamental em todos os projetos políticos e pedagógicos atentos à

pluralidade cultural e à diversidade das identidades. Concordando com Boal (1975, p. 29) “é preciso refletir o passado, ensaiar sua transformação no presente para inventarmos o futuro desejado, porque ser cidadão é transformar a realidade e viver é mudar o mundo”.

As identidades estão diretamente relacionadas à classe social, gênero, etnia, sexualidade, religião, faixa etária, dentre outras categorias presentes nas relações sociais, especialmente no cotidiano escolar, local privilegiado para o reconhecimento da diversidade cultural.

Cabe à escola e, sobretudo aos seus professores, proporcionar um ambiente, no qual as questões de gênero e de sexualidade possam ser discutidas e abordadas de forma consciente e responsável por todos os inseridos nesta instituição. Compreendido como um espaço democrático e palco para diversas experiências, o teatro é de suma importância na promoção do questionamento de contextos marcados pela opressão e pela exclusão social contra indivíduos que desestabilizam discursos pautados na ideia singular de masculinidade e de feminilidade. Por esta razão, é importante o engajamento do educando com o teatro, sobretudo pelo potencial desta área da Arte em proporcionar a reflexão acerca da vida cotidiana, contribuindo para a análise de conceitos e de valores humanos, muitas vezes compreendidos como inquestionáveis.

Acrescento que é na escola que assumimos e construímos o nosso papel social, é na escola que devemos ampliar nossa visão de mundo em constante processo de transformação.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Lúcia M. Ponde Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guaraci Lopes. (org.). **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. (org.) São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. “**Encontro Marcado**”: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades. Salvador/BA. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UFBA, 2009. Tese (Doutorado em Artes Cênicas).

ROSSETO, Robson. **Jogos e improvisação teatral**: perspectivas metodológicas. Guarapuava: Unicentro, 2013.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. 2 ed. Trad. Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Trad. Ingrid Dormin Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Recebido em: 23/04/2019

Aceito em: 07/12/2019